

O ofício da Renda Irlandesa: Estudo de campo Sergipe e Rio de Janeiro

Heyse Souza de Oliveira¹

Resumo: O presente artigo aborda o ensino da disciplina “trabalhos manuais” em escolas voltadas para o público feminino, através da criação de decretos imperiais a partir de 1920, tomando como objeto de estudo a comparação entre os estados de Sergipe e Rio de Janeiro, e o aprendizado e confecção do artesanato Renda Irlandesa. O estudo traz reflexões acerca de bibliografias disponíveis e entrevistas realizadas no ano de 2017 para a escrita de dissertação de mestrado em História da autora, e discute a necessidade de entender como se disseminou a tradição da Renda Irlandesa no Brasil, visto que a cidade de Divina Pastora, Sergipe, é considerada o maior polo de Renda Irlandesa do país. Estudos apontam que a relação da produção do artesanato em Sergipe se dá por dois fortes elos que se entrelaçam. São eles: origem da renda vinda da Europa (Irlanda) e mulheres da alta aristocracia sergipana que posteriormente disseminaram o conhecimento na região.

Palavras-Chave: Renda Irlandesa; Ensino; Divina Pastora.

The Irish Income Office: a field study in Sergipe and Rio de Janeiro

Abstract: This article addresses the teaching of the discipline “manual labor” in schools aimed at the female public, through the creation of imperial decrees from 1920, taking as object of study the comparison between the states of Sergipe and Rio de Janeiro, and the learning and making Irish Lace crafts. The study brings reflections on available bibliographies and interviews carried out in 2017 for the writing of the author's Master's dissertation in History and discusses the need to understand how the Irish Lace tradition has spread in Brazil, since the city of Divina Shepherdess, Sergipe, is considered the largest Irish Income pole in the country. Studies show that the relationship between the production of handicrafts in Sergipe is due to two strong links that are intertwined, they are: origin of income from Europe (Ireland) and women of the high Sergipe aristocracy that later spread knowledge in the region.

Keywords: Irish income; Teaching; Divina Pastora.

Artigo recebido em 03/07/2020 e aprovado em 30/07/2020

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

Introdução

Na historiografia da Renda Irlandesa em Sergipe, as fontes sempre apontam para o centro de disseminação do ofício a cidade de Divina Pastora/SE. Segundo Aglaé Fontes e Beatriz Dantas^{II}, a Renda Irlandesa foi ensinada por senhoras da alta aristocracia com acesso ao estudo das rendas e bordados, livros e com recursos para viajar e comprar aviamentos para produção do artesanato e que posteriormente ensinaram para moradoras locais. A autora destaca Ana Rollemberg como uma das protagonistas no ensino da renda na região.

Dantas^{III} faz uma menção de suas pesquisas, onde teve a oportunidade de entrevistar, entre os anos de 2000-2005, a senhora Neuza Cardoso, que possuiu, entre as décadas de 1950-60, um ateliê de costura e posteriormente um antiquário em São Paulo, onde vendia peças de Renda Irlandesa. A autora menciona que encontrou nos pertences de Neuza um exemplar do livro *Encyclopédie des Ouvrages de Dames* de Thérèse de Dillmont, editado no século XIX. Atualmente, a obra é considerada um raro manual sobre ensino de rendas e bordados. Citando-a:

A renda irlandesa é uma renda feita com agulha e linha, cuja técnica e modo de fazer estão descritos com riquezas de detalhes em livros europeus do século 19 destinados ao Público feminino dentre eles *Encyclopédie des Ouvrages de Dames* de Thérèse de Dillmont (sd) editada em várias línguas, circulou em versão francesa no Brasil, inclusive em Sergipe, entre as senhoras da elite, inspirando trabalhos e nobilitando certo fazeres feminino. As origens da renda remontam da Europa, vinculando-se aos centros rendíferos do velho mundo, que, sob os ventos renovadores da revolução Industrial, encontram abrigo em conventos da Irlanda, derivando daí, possivelmente, o seu nome.^{IV}

A obra *Encyclopédie des Ouvrages de Dames* de Thérèse de Dillmont trata-se de um periódico escrito por volta de 1866, bastante ilustrado, contendo mais de 742 páginas, capa dura, com versão na língua francesa, apontada como preferida entre as mulheres brasileiras que dispunham interesse em aprender a arte de rendar.^V Na obra, página 628 (figura 1), existe uma imagem com a descrição *Dentalles Irlaindaisse Avec Fond a Mailles*; trata-se de uma espécie de desenho em preto e branco, apesar de não dar para notar qual tipo de material estaria sendo utilizado na técnica, as características apresentadas são bastante semelhantes com o método utilizado pelas rendeiras de Sergipe. No centro do desenho, observa-se a utilização de um material mais encorpado; enquanto no preenchimento das formas, nota-se um material mais estreito.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

Figura 1- Página do livro *Encyclopède des Ouvrages de Dames de Thérèse*



Fonte: Foto da página livro retirada pela autora. 2018.

A menção ao livro se faz importante para levantar hipóteses sobre o percurso do ensino do ofício no Brasil, visto que circulam duas vertentes da origem do artesanato em Sergipe, mais precisamente na cidade de Divina Pastora/SE, onde a primeira é defendida por estudiosos apontando que senhoras da aristocracia atuaram como precursoras do ensino das rendas em Divina Pastora/SE^{VI}; e a segunda versão, colhida via entrevista com as rendeiras mais antigas de Divina Pastora,^{VII} que associa a tradição da renda Irlandesa a freiras missionárias que vieram em missão para cidade. Mas, um fato muito importante para a historiografia da renda é o papel das mulheres. Dantas^{VIII} menciona que, na década de 1950, as escolas possuíam a disciplina “trabalhos manuais”, que era ofertada para mulheres em escolas de Sergipe. Esse assunto será melhor abordado logo a seguir.

Um fato curioso, porém ainda muito impreciso, é a confecção do artesanato da Renda Irlandesa na região de Campos dos Goytacazes/RJ. Amaral^{IX}, em sua Dissertação de mestrado intitulada *A Produção da Renda Irlandesa e seu aprendizado em Campos dos Goytacazes/RJ*, discute sobre os primórdios da tradição do artesanato em renda no mundo, abordando várias tipologias, incluindo a Renda Irlandesa, tratada com destaque em sua pesquisa e que apresenta características e modo de fazer idêntico aos que as rendeiras de Sergipe produzem.

Até o momento, esse assunto não foi abordado por nenhum outro autor, inclusive, em conversas com membros do IPHAN/SE, eles afirmam desconhecer a produção da renda em outros estados. Quanto à produção da Renda Irlandesa em Campos dos Goytacazes/RJ, o autor aponta:

Em 1827, as escolas femininas do Brasil incluíram, através de Decreto-Imperial, a disciplina Trabalhos Manuais em sua grade curricular, promovendo o ensino de várias técnicas artesanais incluindo as rendas renascença e irlandesa. Assim, a Escola Nilo Peçanha em Campos de Goytacazes, onde estudou Maria da Penha Manhães, passa a oferecer essa disciplina^X.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

Em seu trabalho, Amaral^{XI} faz uma dedicatória à Maria da Penha Manhães, apontada como uma das principais percussoras da Renda Irlandesa em Campos dos Goytacazes/RJ. Apesar de citar o aprendizado do ofício na região, o autor não trabalha em sua pesquisa o histórico da Renda Irlandesa no município do Rio de Janeiro, privando-se do fato de citar as aulas ministradas na Escola Industrial Nilo Peçanha. Quando menciona a origem do trabalho manual da Renda Irlandesa no Brasil, ele faz uso de uma citação de Dantas^{XII} onde explica que a tradição da Renda Irlandesa,

[...] surge no início do século XX, em conventos de Sergipe, a partir do trabalho das ‘freiras irlandesas’ que vieram ao Brasil, desenvolver projetos de cunho pedagógico junto à população local, incluindo as sinhás, que aprendiam o ofício de rendar, através das publicações de trabalhos manuais que chegavam da Europa^{XIII}.

A referida publicação trata-se do livro *Encyclopédie des Ouvrages de Dames* de Thérèse de Dillmont, referenciado anteriormente. No campo da História, a necessidade de comprovar fatos, incluindo análise de documentos, gera, no tecer desta pesquisa, uma hipótese a ser refletida sobre a origem da Renda Irlandesa no Brasil. Pesquisadores da área da antropologia relatam que a Renda Irlandesa (Brasil) surge no início do século XX, embora não definam o ano.

Já documentos da época identificam que no Brasil o ensino das rendas teve início por volta de 1927, com a instauração do decreto que diz respeito à disciplina “trabalhos manuais”, adotada pelas escolas femininas. Dessa forma, seriam as mestras responsáveis por ensinar o curso de Renda Irlandesa, aprendido com rendeiras de Sergipe? Ou o ensino da Renda Irlandesa era comum em outros estados, através da aprendizagem em livros estrangeiros?

Em arquivo disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o documento apresentado pelo presidente do Estado, Manoel Corrêa Dantas,^{XIV} em 1930, relata que, no Instituto Coelho e Campos, 28 alunos completaram, em 1929, os seguintes cursos:^{XV}

- “Mechanica Pratica” (03);
- “Profissionais de Ferreiro” (08): Especificados como: Ferreiro (01), Ajustador (02), Fundidor (02) e Marceneiro (03);
- “Profissional Feminino”: Especificado como:
- “Modas e Confecções” (06);
- “Modas e Confecções e Bordado a fantasia” (01);
- “Modas e Confecções e Renda inglesa” (01);
- “Modas e Confecções e Flores” (01);
- **“Renda Irlandesa (04);**
- **“Renda Irlandesa e Chapéus” (01);**
- Renda Inglesa (01);
- “Flores” (01);
- “Tricot” (01).

Evidencia-se a formação feminina referenciada pelo campo do artesanato na oferta de cursos de confecções, bordados e rendas, além de flores e *tricot*. Todavia, destaca-se a oferta de dois cursos de aprendizado da Renda Irlandesa, sendo um voltado para aplicação/ornamento em chapéus. Observa-se que, no total, a formação no ensino da Renda Irlandesa foi adotada por cinco alunas, sendo superada somente pela formação em Modas e Confecções com seis formadas. Desse modo, o interesse na formação e/ou na oferta de vagas para seu ensino indica a importância dessa modalidade de artesanato.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

Para entender melhor os espaços onde os ensinamentos sobre rendas e bordados eram trabalhados, e principalmente para quem, qual era o perfil de mulheres que frequentavam esses espaços e quando eles começaram a surgir no Brasil, no caso deste estudo, a análise comparativa centra-se nos dois estabelecimentos onde foram encontrados documentos, citando-os: em Sergipe, o Instituto Coelho e Campos, na cidade de Aracaju; e no Rio de Janeiro, na cidade de Campos de Goytacazes, a Escola Profissional Feminina Nilo Peçanha. Assim,

A Escola Profissional Feminina Nilo Peçanha se localizava à Rua Lacerda Sobrinho, nº. 119, no centro, onde, atualmente, funciona o Colégio Estadual Nilo Peçanha. Sua história começou com a inauguração, em 1922, no governo de Moraes Veiga, então Presidente do Estado do Rio, mas a instituição só entrou em funcionamento no ano seguinte, no governo estadual de Feliciano de Abreu Sodré. No início, seu currículo era distribuído em três anos de curso, sendo alterado, em 1929, segundo Fonseca (1961), pelo Regulamento de Ensino Profissional sob a forma de Decreto nº. 2380, estabelecendo que o ensino profissional fosse ministrado em quatro anos, havendo um curso geral, de caráter obrigatório, e, paralelamente, cursos especiais, na forma de oficinas, abrangendo corte e costura, bordados e rendas, chapéus, flores e frutos^{XVI}.

Sobre o ensino profissional feminino em Sergipe, Malta^{XVII}, em sua dissertação de mestrado intitulada *O Ensino Profissionalizante em Sergipe: Contribuição do Instituto Profissional Coelho e Campos (1922-1944)*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, aborda que o Instituto Coelho e Campos foi fundado em 1922, mas, “os cursos profissionais femininos só começaram a funcionar no IPCC a partir de 1927. No período anterior, esse tipo de formação era ofertado pela Escola Normal Rui Barbosa”^{XVIII}. Por sua vez, a autora traz uma explicação mais detalhada sobre a disciplina “trabalhos Manuais”, relatando que:

O curso de trabalhos manuais, foi criado através do decreto nº819, de 06 de junho de 1923, visando capacitar professoras para as atividades que envolvem os ofícios dessa formação. Os “trabalhos de agulhas, rendas e bordados” compreendiam crochês, tricôs, crivos, filés, rendas bordadas e finas; bordados a branco, a cor, a tule; bordados ingleses, a prata, a ouro, a miçangas, a cabelos.^{XIX}

O Decreto nº. 819, de 06 de junho de 1923, assinado por Maurício Graccho Cardoso, instaura a disciplina trabalhos manuais, anexa à escola Normal Ruy Barbosa. Para reforçar o que a autora trata ao falar sobre o ensino da disciplina trabalhos manuais, ofertada às jovens do sexo feminino, apresenta-se a tabela 1, que compara a relação entre as disciplinas a serem cursadas, cabendo frisar que o material foi produzido através da análise das pesquisadoras, a saber: Malta^{XX}, responsável pela análise do ensino feminino em Sergipe, cotejando seus dados com os trabalhos de Reis, Silva e Martínez^{XXI} na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

Tabela 1- Comparação entre o programa de ensino de Sergipe e Campos de Goytacazes/RJ

COMPARATIVO DO PROGRAMA DE CURSOS “RENDA E BORDADOS, FLORES E CHAPÉUS”.							
INSTITUTO PROFISSIONAL COELHO E CAMPOS (S/D)				COLÉGIO INDUSTRIAL NILO PEÇANHA (1930)			
Ano/Período	1º Período (De março a 31 de maio)	2º Período (De junho a 31 de agosto)	3º Período (De setembro a 30 de novembro)	Ano/Período	Período Não identificado	Período Não identificado	Período Não identificado
1º ano	Rendas- <i>Crochê</i> - nós ou malhas, sapatinhos, casacos [...] aplicações diversas em linha ou lã. Rendas- <i>Macramê</i> - nós ou malhas. Franjas, bolsas, toalhinhas [...], guarnições para vestidos.	Bordados: sobre branco, pontos russos, ponto de cadeia, ponto de cruz em talagarça, pontos diversos que se apresentem a ornamentos de vestido.	Flores: de papel, agrupadas em ramalhetes, em cestas ou em outro motivo de ornamentação.	1º ano	Oficina de Flores e Frutos.	Chapéus, Bordados e Rendas.	Costura e Corte.
2º ano	Rendas- <i>Frivolitê</i> - nós ou malhas. Pontos diversos em sapatinhos, casacos, [...] guarnição para vestidos e outras aplicações. Rendas- <i>Filé</i> - nós ou malhas, pontos variados. Filé bordado em panos [...] entremeios, etc.	Bordados: Sobre a seda e veludo: ou “ <i>au Passé</i> ”, ponto do oriente, ponto de Mosaico, ponto Árabe e outros que se adaptem à confecção de almofadas, quadros e demais obras de uso doméstico.	Flores: de pano, veludo, seda, de penas, etc. Aplicação diversas em ramos, grinaldas, ramalhetes para chapéus, vestidos, etc.	2º ano	Oficina de Flores e frutos e chapéus.	Bordados e Rendas.	Oficina de Costura e Corte.
3º ano	Rendas- <i>Tricô</i> - nós ou malhas, pontos diversos. Aplicações em meias, gorros, chapéus, [...] etc. Rendas- <i>Tenerife</i> - nós ou malhas, com aplicação.	Bordados: a fita e aplicação de seda e veludo em filó, a máquina “vitória”.	Flores: de maravilhas de lã, aplicações a critério da professora.	3º ano	Oficina de Costura e Corte.	Bordados e Rendas e Chapéus.	*
4º ano	Rendas- Veneza, Irlanda, Renascença: motivos diversos, entremeios,	Bordados: em alto relevo, a miçangas, a floco, etc. Motivos: almofadas, guarnições de	Flores: de conchas, escamas, “pedra-hume”, em aplicações	4º ano	Oficina de Costura e Corte.	Bordados e Rendas.	Oficina de Chapéus.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

	aplicações em vestidos, panos, etc.	vestidos e ornamentos domésticos.	a contento da aluna.				
5º ano	Renda: a brasileira, confeccionadas sobre papelões, picotados em almofadas com bilros; confecções de entremeios, aplicações, guarnições em fios de algodão, seda, etc.	Bordados: a ouro e a prata, com aplicações fio de ouro e de prata, lantejoulas sobre veludo ou seda; confecções de bordas e franjas. Bordados: à máquina em relevo, em aplicações diversas.	Flores: de cera, pelicas, aplicadas em grinaldas, capelas, ornamentos de igrejas, etc. E todo trabalho artístico de uso doméstico e de utilidade de vida social: confecção e ornamentação de chapéus, gorros e bonés.	*	*	*	*

Fonte: Elaborado pela autora- A partir dos estudos de Malta (2010, p.141) e Reis; Silva e Martínez (2013, p.10).

Observa-se que o trabalho de Malta ^{xxii} traz informações mais detalhadas sobre o programa do curso e especificações da disciplina, que, na capital sergipana, deveria ser cursada no período de cinco anos.

Já nos estudos de Reis; Silva e Martínez ^{xxiii}, o programa do curso era finalizado no período de quatro anos. As autoras expõem que “as aulas aconteciam pela manhã, com horários diários de 9h às 12h. As alunas do 1º ano passavam por todas as oficinas, alterando-as a cada 15 dias.” Ainda que o quadro contendo as informações sobre a cidade de Campos dos Goytacazes/RJ date do ano de 1930, e o material elaborado por Malta seja baseado no decreto nº 937, de 26 de maio de 1926, comprova-se uma semelhança entre os dois estados.

Analisando os dois estabelecimentos, nota-se que as duas instituições foram inauguradas no mesmo ano, em 1922. Independentemente do Instituto Profissional Coelho e Campos só iniciar suas aulas voltadas para o público feminino em 1927, em Sergipe, em um período anterior a essa data, as aulas eram ministradas na Escola Normal Rui Barbosa (fundada em 1923), notando-se que as disciplinas obedeciam a um padrão regido por Decreto e que as instituições seguiam à risca o que estava especificado no documento.

A Escola Industrial Nilo Peçanha “não era destinada à elite campista, mas às mulheres de classes trabalhadoras”; já em Sergipe, o público atendido pela Escola Normal Rui Barbosa abrange: ^{xxiv}

[...] alunas [que] buscavam a formação para o magistério como possibilidade de profissionalização, que poderia garantir futuramente uma certa autonomia e independência. Para outras, a instituição servia como estratégia para a ampliação de estudos, inclusive visando à possibilidade de irem estudar fora do Estado de Sergipe, pois durante alguns anos as primeiras alunas (que tinham as melhores notas) eram agraciadas pelo Governador com bolsas de estudos para aperfeiçoamento no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quando estas jovens retornavam, elas eram nomeadas para uma vaga em uma escola em Aracaju, e não precisava iniciar a carreira no interior do Estado, como a maioria das normalistas que precisavam garantir seu próprio sustento. Entre as premiadas estavam presentes jovens oriundas de famílias da elite sergipana ^{xxv}.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

A pesquisadora Freitas^{xxvi} estudou, em sua dissertação de Mestrado em Educação na Universidade de Campinas (UNICAMP), a trajetória de várias ex-alunas da Escola Normal e afirmou que, dentre os critérios para admissão na referida instituição, estavam: duas cartas de pessoas idôneas na sociedade e um exame que procurava comprovar o domínio de diversas áreas do conhecimento, fazendo com que várias jovens buscassem estudos preparatórios. Tal indicativo, aliado às considerações anteriores de Andrade^{xxvii}, e os relatos de Freitas sobre as normalistas, apontam para um perfil de classe média dentre a maioria das estudantes da Escola Normal entre as décadas de 1920 e 1950 em Sergipe, embora fosse almejado também por moças pobres. Afirma ainda Freitas^{xxviii} que os cursos profissionalizantes do Instituto Profissional Coelho e Campos não atraíam a atenção das jovens de classe média por sua destinação ao trabalho operário.

Outra informação valiosa a citar nesta pesquisa é quem foram as mulheres incumbidas de “ensinar” o trabalho manual de rendas, bordados, flores e chapéus. Na oportunidade de continuar referenciando as pesquisadoras, Amaral^{xxix} cita que em Sergipe, inicialmente, “as aulas foram ministradas pelas professoras Maria Isolina de Souza Freire, catedrática, e por Elvira Diniz, adjunta”.

Já em Campos do Goytacazes/RJ, as responsáveis, no ano de 1930, foram na oficina de “Chapéus”: Rita Manhães (mestra), Zahira Romana Pinto, Hermínia Paes de Oliveira e Maria Antonieta dos Santos Lacerda (contras-mestras); na oficina de “Bordados e Rendas”: Izaura Peixoto (mestra), Arinda Peixoto Prata, Carolina Manhães de Moraes e Maria Eneida Nunes (contras-mestras); e na oficina de “Flores e Frutos”: Zilde Manhães (mestra).^{xxx}

Um fato que não se deixa passar por despercebido é o protagonismo do sobrenome “Manhães” entre as mestras na década de 1930. Teriam elas alguma relação em suas árvores genealógicas com “Maria da Penha Ângelo Manhães”, considerada referência no ensino de rendas na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ no trabalho de Jorge Amaral de 2010?

Ainda que o trabalho de Amaral^{xxxi} seja uma referência de leitura que trata da mesma técnica aplicada na feitura do artesanato “Ponto de Irlanda”, produzido na região de Campos de Goytacazes/RJ, o autor, ao tratar de sua “origem no Brasil”, identifica a cidade de Divina Pastora/SE. Sem dúvida, a cidade de Divina Pastora/SE pode ser considerada o maior polo de concentração de mulheres que produzem o artesanato em renda; por isso, se fez necessário o cruzamento de dados entre documentos oficiais e relatos orais obtidos através de entrevistas com rendeiras da cidade, para estudar a origem do artesanato no município de Divina Pastora/SE. As versões levantadas por Dantas (citada por Amaral)^{xxxii} conciliam com a explicação das rendeiras.

Nas entrevistas, elas associam a transmissão do conhecimento às freiras missionárias que vieram da Europa em missão. Chegando ao município, as missionárias passaram a ensinar a técnica para as filhas de donos de engenhos e fazendeiros, que, posteriormente, foram ensinando e transmitindo a técnica o conhecimento para as moças e mulheres da cidade que trabalhavam em suas residências.^{xxxiii}

Enfatiza-se, no cruzamento das fontes, que o ofício de Renda Irlandesa finca raízes naquela região no início do século XX, com influência de origem europeia, de onde possivelmente teria surgido a técnica. As entrevistas concedidas pelas rendeiras Alzira e Amélia,^{xxxiv} consideradas as mais antigas no local, relatam seu aprendizado do ofício através da rendeira Marocas, sendo que Alzira era sobrinha dela; já Amélia, procurou a bordadeira na igreja para aperfeiçoar o saber.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

Divina Pastora/SE e a Renda Irlandesa

Maia^{XXXV} menciona em sua pesquisa que a “Renda Irlandesa” também é conhecida como Renascença e Inglesa. Mas chama atenção ao mencionar que o Brasil tem como polos de produção artesanal de renda os estados de: Pernambuco (Poção, Pesqueira, Custódia e Sertânia), Sergipe (Divina Pastora e Nossa Senhora da Glória), Bahia (Paulo Afonso) e Rio Grande do Norte (renda feita com sisal).

Mesmo que Maia tenha classificado o artesanato confeccionado nos estados citados com a nomenclatura “Renda Irlandesa”, dando a entender que todos se tratam do mesmo produto, ela mesma reconhece que há uma diferença entre os estados, no que diz respeito à produção da renda e que “consiste basicamente na matéria prima empregada além das variações no processo de feitura”^{XXXVI}. Deixando claro que há diferença entre as rendas produzidas nas regiões citadas.

Desse modo, afiança-se a hipótese de que quando Maia utilizou o termo “Renda Irlandesa” estaria querendo indicar a origem na qual a categoria do artesanato teria surgido (Irlanda), e não a técnica específica que as mulheres de Sergipe incorporam ao seu modo de fazer o artesanato. Sobre a renda produzida em Sergipe:

No que se refere ao termo irlandesa, há fundamento histórico no seguinte fato: entre as tentativas para evitar o desaparecimento da renda com a revolução industrial, várias iniciativas surgiram a partir de 1872, sob a proteção de Margarida de Savóia, entre as quais o estímulo deste tipo de artesanato nos conventos Irlandeses. Sabe-se, por outro lado, que as religiosas estrangeiras foram as principais responsáveis pela educação no Brasil até meados do século, influenciando, de forma significativa, nos tipos de trabalhos ensinados às alunas. Daí a correlação da renda elaborada em conventos irlandeses e sua difusão, chegando aqui com essa designação^{XXXVII}.

Quanto à origem da produção do artesanato em Divina Pastora/SE, uma das bibliografias mais antigas sobre o tema, centra-se na publicação de Cedran. Em seu conteúdo informativo afirma que a pessoa que introduziu a Renda Irlandesa em Sergipe foi “Da. Ana Rollemberg que aprendeu com Da. Violeta Sayão que por sua vez treinou Julia Franco, que compartilhou esse conhecimento com Marocas, Ércila e Sinhá, essas três já beirando os oitenta anos, ensinaram o ofício as demais rendeiras de Divina”^{XXXVIII}. A versão de Cedran não traz detalhes do parentesco dessas mulheres. Já em uma segunda versão, Dantas cita Barreto ao relatar:

Ana Dias Rolemberg (Donana), tia avó da minha informante, trouxe da Europa um pano que achou muito bonito. Chegando em Aracaju, mostrou a uma contraparente negra chamada Juli Franco Maior. Era muito habilidosa e juntas tentaram ver se descobriam a técnica. Para isso tiveram que desmanchar um pedacinho. Juli morava em Divina Pastora e para lá levou a ideia, que passou para Marocas, mulata também habilidosa, tornando-se está a primeira professora de Renda Irlandesa. Ensinou a toda família, constituída de sobrinhas, cunhadas e uma irmã mais moça chamada Ernestina Santos (Sinhá) que ainda é viva^{XXXIX}.

A monografia de Souza^{XL} contém fragmentos de uma entrevista concedida por Hercília Theodória dos Santos, conhecida como Dona Sinhá, à época, com 85 anos, quando afirmou ter aprendido seu saber com a falecida Aurélia; disse ainda:

[...] eu não tenho ideia, uma vez eu vi a menina fazendo, por sinal era minha colega de escola aqui, mas era mais velha e aí fui aprendendo. Via também os catálogos, que tinha também catálogos nesse tempo, agora eu não sei. E fui aprendendo também. Depois, comecei a desenhar os riscos, eu ampliava colcha de

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

casal, de solteiro, toalhas de banquete, eu fiz muito pra São Paulo, pra Minas Gerais e até para São Luiz do Maranhão.^{XLII}

Inserida nesse debate, Cedran relata que três irmãs – Marocas (Maria Engrácia), Sinhá (Ércília) e Dina (Berenice) –, “mulheres humildes”, se dispuseram a transmitir o conhecimento para nativos daquela região^{XLII}. No entendimento de Dantas, algumas mulheres viam na confecção de trabalhos manuais, ou seja, na produção das rendas, a oportunidade de “fugir” do trabalho árduo da roça e custear seus estudos^{XLIII}.

Isso posto, que as mulheres encontravam na renda uma alternativa para não enfrentar a agricultura, já que “tinham as suas famílias ligadas ao campo, engenhos e fazendas de plantar cana que chegavam até as proximidades da pequena vila”^{XLIV}. Nas entrevistas concedidas, observa-se que as próprias artesãs terminaram por absorver e reproduzir as falas que foram se consolidando na cidade, do mesmo modo que Dantas já expôs em sua publicação:

As rendeiras, mulheres de poucas letras, mais preocupadas com o fazer e vender a sua renda do que pensar nas suas origens remotas, quando a ela se referem em geral, contentam-se em buscar na memória e na tradição, que vai aos poucos se cristalizando, os nomes das pessoas que a teriam introduzido na cidade e espalhado a técnica entre as mulheres. Algumas, porém, já começam a incorporar as explicações dos eruditos sobre o papel das freiras na introdução da renda da cidade. Como se vê, não há uma única versão, mas dentre elas uma é mais difundida. Está registrada por Lourdes Cedran, num catálogo de exposição que se constitui talvez no mais antigo registro bibliográfico sobre a renda irlandesa em Divina Pastora, atingindo público mais amplo. Com base em depoimentos das rendeiras colhidos no final da década de 70.^{XLV}

Nota-se, com o discurso levantado por Dantas e corroborado em entrevista de campo, que por muito tempo a atividade de fazer renda era algo do cotidiano comum daquelas mulheres. As rendeiras viam o ofício como uma oportunidade de trabalho, era algo que se iniciava na infância. Ainda meninas, aprendiam a rendar para ajudar suas mães e irmãs mais velhas com as encomendas em troca de alguns trocados ou presente, pouco se falava de onde vinha a história da renda, elas mesmas designam que aprenderam no seio familiar, os discursos dos mais letrados era algo que já se ouvia falar.

Considerações

O presente texto traça uma análise comparativa sobre o ensino da Renda Irlandesa em escolas voltadas para o público feminino nos estados de Sergipe e Rio de Janeiro, que era ofertado como uma disciplina “Trabalhos Manuais”, criada através de um decreto imperial por volta de 1920. A partir dos estudos, foi observado que, tanto em Sergipe quanto no Rio de Janeiro, o surgimento de escolas profissionalizantes começou por volta de 1922. A pesquisadora Beatriz Dantas^{XLVI} pontua que por muitos anos o ofício de rendar era considerado um trabalho manual, semelhante ao trabalho de costureiras. Somente nos anos sessenta, a renda passou a ser considerada como artesanato através da criação da Associação de Artesanato de Sergipe – ARTESE.

Apesar de não encontrar uma definição precisa sobre a origem da Renda Irlandesa no Brasil, esse estudo trouxe importantes considerações e hipóteses sobre o ensino das rendas que se entrecruzam com as duas versões já postas por outros estudiosos que pesquisaram a trajetória da Renda Irlandesa em Sergipe. Como mencionado, Dantas^{XLVII} estuda o ensino das rendas em escolas de Sergipe, mas não menciona a criação do decreto imperial, fator esse importante porque justifica o ensino em outros estados do país e a grande possibilidade do ofício ser considerado por muitos anos uma categoria de trabalho manual, já que as escolas onde era

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

ofertado o ensino para as mulheres da época eram escolas profissionalizantes voltadas para o mercado de trabalho.

Outro ponto importante do estudo é que, apesar de não localizar a data da inserção da Renda Irlandesa em Divina Pastora/SE, estudiosos apontam que foi no início do século XX (1901- 2000). Dantas^{XLVIII} menciona que livros europeus do século XIX, circularam entre mulheres da aristocracia sergipana, citando a obra *Encyclopédie des Ouvrages de Dames* de Thérèse de Dillmont, a obra foi escrita por volta de 1866, mas só passa a ser traduzida e circular em outros países anos depois; e já os documentos, apontam que o ensino da Renda Irlandesa em escolas profissionalizantes no Brasil inicia em 1920.

Todos os fatos mencionados tratam-se de acontecimentos do início do século XX; essas informações alavancam a hipótese se seriam esses fatos uma sequência para a disseminação do ensino das rendas no Brasil. Apesar de não encontrar a resposta, sabe-se que Divina Pastora-SE, atualmente, é considerada o maior polo de produção de renda Irlandesa do país,^{XLIX} enquanto que, em pesquisa de campo, não foi encontrada mais a produção do artesanato na cidade Campos de Goytacazes-RJ.

Notas

^I Mestra em História pela Universidade Federal de Alagoas, Especialista em Planejamento do Turismo pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Museografia e Patrimônio pelo Centro Universitário Claretiano e Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe.

^{II} INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Renda Irlandesa:** Instrução técnica do processo de registro do modo de fazer renda irlandesa, tendo como referência o ofício das rendeiras de Divina Pastora /SE. 2009. p.34.

^{III} DANTAS, Beatriz Góis. Dos baús às passarelas: trajetória e desafios da renda irlandesa, *In* Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular. **Divina Pastora:** Caminhos da Renda Irlandesa. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2013, p.15-41. p.20.

^{IV} Idem, p.16.

^V WIKIPEDIA. **Encyclopédie des Ouvrages de Dames de Thérèse de Dillmont.** s/d. Disponível no site: https://en.wikipedia.org/wiki/Th%C3%A9r%C3%A8se_de_Dillmont. Acesso em :09/02/2018.

^{VI} CEDRAN, Lourdes (Coord.) **Divina Pastora:** Renda Irlandesa e Redendê. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1979.

^{VII} Informação verbal. Entrevistas concedidas a autora no ano de 2017 em pesquisa de campo em Divina Pastora.

^{VIII} DANTAS, *Op. Cit.*, 2013. p.20.

^{IX} AMARAL, Jorge Luiz do. **A produção de renda irlandesa e seu aprendizado em Campos dos Goytacazes-RJ.** Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Patrimônio e Museologia da UNIRIO, 2011.

^X Ibidem, p.18.

^{XI} Idem.

^{XII} DANTAS, Beatriz Góis. As Rendeiras de Divina Pastora, *In* Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular (CNFCP). **Renda de Divina Pastora.** 2ed. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2001.

^{XIII} AMARAL, *Op. Cit.* 2011. p.29.

^{XIV} BIBLIOTECA NACIONAL. **Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (SE) 1891-1930.** 1930. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720534&pesq=Renda%20irlandesa>. Acesso em: 09/02/2018.

^{XV} Idem, p.51 (grifo nosso).

^{XVI} REIS, Fabiana de Arruda Resende; SILVA, Elza de Souza; MARTÍNEZ, Silvia Alicia. **Estudo do Ensino Profissional (feminino) no Brasil:** A Escola Profissional Feminina Nilo Peçanha (Campos, 1922-1930). VII Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE7). Cuiabá/MT.2013. p.02.

^{XVII} MALTA, Marina Oliveira. **O ensino Profissionalizante em Sergipe:** Contribuição do Instituto Profissional Coelho e Campos (1922-1944). São Cristóvão/SE.2010. Dissertação (Mestrado em Educação) Núcleo de Pós-Graduação em Educação, UFS.

^{XVIII} Idem, p.29.

^{XIX} Ibidem.

^{XX} Idem.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

- XXI REIS, *et al. Op.Cit.* 2013.
- XXII MALTA, *Op.Cit.* 2010.
- XXIII REIS, *et al. Op.Cit.* 2013, p.09.
- XXIV *Idem*, p.02-03.
- XXV ANDRADE, Fabiane Vasconcelos. **A docência na Escola Normal Rui Barbosa nas primeiras décadas do século XX.** Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/390.pdf>, acesso em: 20/02/2018. p.06.
- XXVI FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **“Vestidas de azul e branco”**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério, 1920-1950. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas/SP: Faculdade de Educação/UNICAMP, 1995.
- XXVII ANDRADE, *Op.Cit.*2018.
- XXVIII FREITAS, *Op.Cit.*1995, p.39.
- XXIX AMARAL, *Op. Cit.* 2011. p.140.
- XXX REIS, *et al. Op.Cit.* 2013, p.10.
- XXXI AMARAL, *Op. Cit.* 2011.
- XXXII *Idem*.
- XXXIII Informação verbal. Entrevistas concedidas a autora no ano de 2017 em pesquisa de campo em Divina Pastora.
- XXXIV *Idem*.
- XXXV MAIA, Isa. **Artesanato Brasileiro**: rendas. Rio de Janeiro: FUNARTE,1981. p.29.
- XXXVI *Ibidem*.
- XXXVII *Ibidem*.
- XXXVIII CEDRAN, Lourdes (Coord.) **Divina Pastora**: Renda Irlandesa e Redendê. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1979. p.05.
- XXXIX IPHAN, *Op. Cit.* 2009. p.34.
- XL SOUZA, Ivanaldo Rodrigues. **O trabalho das rendeiras em Divina Pastora.** Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Aracaju/SE: Dept. Ciências Sociais/UFS, 1996.
- XLI *Ibidem*.
- XLII CEDRAN, *Op. Cit.* 1979. p.151.
- XLIII IPHAN, *Op. Cit.* 2009. p.32.
- XLIV DANTAS, *Op. Cit.*, 2001. p.19.
- XLV *Ibidem*.
- XLVI DANTAS, *Op. Cit.*, 2013. p.21.
- XLVII DANTAS, *Op. Cit.*, 2013.
- XLVIII *Idem*.
- XLIX BRASIL. **Principal Polo de Renda Irlandesa do Brasil.** 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2014/11/divina-pastora-se-e-principal-polo-de-renda-irlandesa-no-brasil>. Acesso em: 15 /08/2016.

Referências

AMARAL, Jorge Luiz do. **A produção de renda irlandesa e seu aprendizado em Campos dos Goytacazes-RJ.** Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Patrimônio e Museologia da UNIRIO, 2011.

ANDRADE, Elza Guimarães. **Entre o risco e o ponto**: o intangível consumido. São Cristovão/SE, 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia / UFS. Disponível em: https://bdtd.ufs.br/bitstream/tede/557/1/ELZA_GUIMARAES_ANDRADE.pdf. Acesso em: 10/02/2017.

ANDRADE, Fabiane Vasconcelos. **A docência na Escola Normal Rui Barbosa nas primeiras décadas do século XX.** Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/390.pdf>, acesso em: 20/02/2018.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

BIBLIOTECA NACIONAL. **Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (SE) 1891-1930.** 1930. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720534&pesq=Renda%20irlandesa>. Acesso em: 09/02/2018.

BRASIL. **Principal Polo de Renda Irlandesa do Brasil.** 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2014/11/divina-pastora-se-e-principal-polo-de-renda-irlandesa-no-brasil>. Acesso em: 15 /08/2016.

CEDRAN, Lourdes (Coord.) **Divina Pastora: Renda Irlandesa e Redendê.** São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1979.

DANTAS, Beatriz Góis. As Rendeiras de Divina Pastora, In Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular (CNFCP). **Renda de Divina Pastora.** 2ed. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2001.

DANTAS, Beatriz Góis. Dos baús às passarelas: trajetória e desafios da renda irlandesa, In Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular. **Divina Pastora: Caminhos da Renda Irlandesa.** Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2013, p.15-41.

DILLMONT, Thérèse de. **Encyclopédie des Ouvrages des Dames.** Grands Magasins de La Samaritaine, Paris, [1886?].

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **“Vestidas de azul e branco”:** um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério, 1920-1950. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas/SP: Faculdade de Educação/UNICAMP, 1995.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Modo de fazer a Renda Irlandesa:** Tendo como ofício em Divina Pastora; Texto de Aglaé d'avilla Fontes de Alencar. Brasília/DF: IPHAN, 2014(a).

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN).. **Renda Irlandesa:** Catálogo de produtos da Renda Irlandesa em Sergipe. Produzido por Marina Sallovitz Zacchi, Marta Maria Chagas e Rosangela Barreto. Aracaju: IPHAN-SE, 2014(b).

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN).. **Renda Irlandesa:** Instrução técnica do processo de registro do modo de fazer renda irlandesa, tendo como referência o ofício das rendeiras de Divina Pastora /SE. 2009.

MAIA, Isa. **Artesanato Brasileiro:** rendas. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

MALTA, Marina Oliveira. **O ensino Profissionalizante em Sergipe:** Contribuição do Instituto Profissional Coelho e Campos (1922-1944). São Cristóvão/SE.2010. Dissertação (Mestrado em Educação) Núcleo de Pós-Graduação em Educação, UFS.

OFÍCIO DA RENDA IRLANDESA: ESTUDO DE CAMPO SERGIPE E RIO DE JANEIRO

HEYSE SOUZA DE OLIVEIRA

REIS, Fabiana de Arruda Resende; SILVA, Elza de Souza; MARTÍNEZ, Silvia Alicia. **Estudo do Ensino Profissional (feminino) no Brasil: A Escola Profissional Feminina Nilo Peçanha** (Campos, 1922-1930). VII Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE7). Cuiabá/MT.2013.

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL UFSC. Recorte do Diário Oficial do dia 7 de junho de 1923: **Referente ao Decreto nº 519 de 6 de julho de 1923** Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/124886> acesso em:28/02/2018.

SILVA, Daniela Gonçalves da; MARTÍNEZ, Silvia Alicia; AMARAL, Shirlena Campos de Souza. A dupla missão formativa da Escola Industrial Feminina “Nilo Peçanha” (1947-1956): apreciações sobre currículo e cultura escolar in **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 270-300, set. /dez. 2016.

SOUZA, Ivanaldo Rodrigues. **O trabalho das rendeiras em Divina Pastora**. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Aracaju/SE: Dept. Ciências Sociais/UFS, 1996.

WIKIPEDIA. **Encyclopédie des Ouvrages de Dames de Thérèse de Dillmont**. s/d. Disponível no site: https://en.wikipedia.org/wiki/Th%C3%A9r%C3%A8se_de_Dillmont. Acesso em: 09/02/2018.